

Common Wealth-Um Novo Modelo para a Economia Mundial, de Jeffrey Sachs

O autor é suficientemente conhecido para necessitar de encómios. E no entanto, este livro merece-os como poucos. O ex Secretário-Geral das Nações- Unidas Kofi Annan afirma que Jeffrey Sachs nunca nos desaponta, o que é verdadeiramente o mínimo que se pode dizer deste livro (Casa das Letras. Lisboa, 2009). JS pretende mostrar que o Mundo enfrenta presentemente uma série enorme de problemas graves, ambientais, demográficos, económicos, que podem, se não forem solucionados com determinação, conduzir a desastres enormes. Mas aquilo que sem dúvida o caracteriza é o optimismo com que encara estes problemas, e a forma como acredita que existem respostas, desde que haja vontade para as encontrar.

Tudo está muito bem exposto, evidenciado, demonstrado. Muito do trabalho de investigação que serve de apoio ao texto foi realizado no Earth Institute da Universidade de Columbia, a que o autor preside, a muito das tarefas levadas a cabo por organismos ligados às Nações Unidas, como a Organização Mundial da Saúde ou a Fundações como a Fundação Rockefeller ou a Fundação Bill e Melinda Gates. Muitas das conclusões e recomendações são as constantes nos Objectivos do Milénio, que resultaram de uma Conferência organizada pelas Nações Unidas, para as quais o autor teve sem dúvida uma grande parte de responsabilidade.

O autor não esconde a aversão que tem pela política externa da George W. Bush, que optou pelo conflito como forma de resolução de problemas e desprezou muitos dos benefícios dos programas de ajuda internacional. É igualmente crítico do Banco Mundial, porventura excessivamente, por ser demasiado seguidor da Administração Americana.

O livro está muito bem escrito e organizado. Os problemas e desafios são expostos com grande clareza, para em seguida começarem a ser enunciadas as soluções e as vias necessárias para que sejam postas em prática. É de um didactismo notável. Ninguém necessita de ter formação em economia, ambiente, energia, medicina, pobreza ou demografia para entender perfeitamente o conteúdo dos enunciados e das propostas. É no sentido mais nobre da palavra, um livro acessível e até de leitura fácil.

Além disso contém uma notável exposição do papel dos Estados, dos agentes privados, das Universidades e centros de investigação, das ONG, de Organismos Internacionais. Explicitamente e de forma extremamente pragmática as distinções entre público e privado, entre financiadores e actores, entre investigadores e executantes são formuladas, sendo bem definido o papel correspondente a cada um, sendo certo que todos são chamados à responsabilidade, incluindo os próprios leitores.

Em seguida expõem-se as metas a que a humanidade deve aspirar para assegurar uma estabilidade económica suportada pelo equilíbrio ambiental.

Degradação ambiental: Sem o controle das emissões de gases com efeito de estufa, as alterações climáticas irão provocar quebras de colheitas, fomes e mau funcionamento de ecossistemas críticos. A meta é manter a variação da temperatura num intervalo de dois graus centígrados.

Excesso de população: Um dos principais problemas que o autor considera indispensável encontrar uma abordagem programática é o crescimento populacional. Sem uma retração do crescimento populacional, especialmente em África, diversos problemas serão acumulados: degradação ambiental, perda de biodiversidade, exaustão de recursos agrícolas, pobreza, migrações, e conflitos armados. O retrato não é favorável. E talvez resida aqui a proposta mais determinante para que o Mundo conheça um período mais favorável de riqueza partilhada. O objectivo neste caso é de estabilizar a população em 8 mil milhões de habitantes em 2050.

Pobreza extrema: A armadilha da pobreza além de ser algo inaceitável pode ainda ser causa de degradação ambiental, de populações em excesso, e de conflitos armados violentos e perenes. O objectivo consiste em reduzir para metade a pobreza e a fome extremas para metade até 2015, e eliminar a pobreza extrema até 2025.

Estes são os principais desafios para que se obtenha êxito na superação dos grandes desafios do desenvolvimento sustentável até 2050.

O que é particularmente interessante assinalar é que, sendo o autor um economista, não se limita a expor os problemas e a apontar metas. Demonstra a exequibilidade das soluções, calcula e indica os montantes financeiros necessários para prosseguir com as diversas acções necessárias, esclarece quais os agentes e actores que são chamados para agir, determina a forma como os esforços devem ser conduzidos de forma a terem êxito. Neste aspecto, e seguramente em muitos outros, JS honra a sua profissão.

De notar que o autor considera muito aconselhável a aplicação do princípio de subsidiariedade, segundo o qual as soluções para os problemas devem ser procuradas entre os agentes mais próximos e melhores conhecedores das realidades locais. Que este princípio seja preconizado pelos Tratados que instituem a União Europeia, e tenha sido, pela primeira vez concebido, e permanentemente defendido pela Doutrina Social da Igreja (Paulo VI: *Populorum Progressio*), não foi recordado pelo autor. Mas que tenha aqui um seu ardente defensor só pode constituir uma agradável surpresa.

Uma nota mais crítica sobre o livro. Para resolver o problema do excesso populacional o autor advoga, sem grandes elaborações, o aborto. Naturalmente que este é um tema que mereceria mais que uma defesa quase sem argumentação. É óbvio que a generalização do aborto produziria efeitos sobre a taxa de crescimento da população, mas outras questões deveriam ser enquadradas. Nota positiva tem aqui a tradução portuguesa que preferiu a palavra aborto em vez do eufemismo interrupção voluntária de gravidez.

A revista Time é de opinião que JS é uma das 100 pessoas mais influentes do planeta. Para bem do planeta, só poderemos esperar que isso seja verdade. E este é um livro que muito pode contribuir para isso.

António Calado Lopes